

Circulação de conhecimentos, pessoas e produtos em Assunção, Paraguai (1640-1680)

Fernando V. Aguiar Ribeiro
Universidade Federal de São Paulo
fvribeiro@gmail.com

“Una isla rodeada de tierra en el corazón del continente”¹. Assim Augusto Roa Bastos descreve o Paraguai a partir da reflexão histórica cujo foco foi o isolamento geográfico como fator determinante para a especificidade cultural do país.

A expressão consagrada pelo escritor representa uma ideia corrente e é reforçada pela historiografia nacional. A consolidação dos Estados nacionais, em momento posterior às Independências no século XIX, lançaram a necessidade de estabelecimento de histórias nacionais que dessem conta de legitimar os novos países americanos.

Essa questão seria mais latente para o caso paraguaio, pois o novo país necessitava justificar sua existência frente às novas nações. Francisco Doratioto aborda as razões do afastamento do Paraguai em relação aos demais países platinos. Aponta que a história do Paraguai esteve intimamente ligada ao Brasil e à Argentina, principais polos do subsistema de relações internacionais do Rio da Prata. O isolamento paraguaio, até a década de 1840, bem como sua abertura e inserção internacional se explicam, em grande parte, pela situação política platina.²

Esse isolamento posterior à sua independência é justificado pelo receio de incorporação do Paraguai à Confederação Argentina. Luís María Argaña afirma que

estaba, pues, declarada nuestra independencia; pero no consolidada. A pesar del Tratado parcialmente transcripto, Buenos Aires seguía teniendo pretensiones sobre el Paraguay y para ello contaba con el apoyo del partido unitario o porteñista.³

A Guerra do Paraguai, portanto, seria fundamental para a configuração historiográfica do Paraguai a partir desse receio de expansão argentina e, conseqüentemente, determinou as ações do país frente às demais nações da região.

Assim, como consequência do conflito,

no final do século XIX o Paraguai era um país paupérrimo do ponto de vista econômico, praticamente sem autoestima do passado e carente de heróis

paradigmáticos. O Paraguai era apresentado como país de déspotas e derrotado em uma guerra da qual fora o agressor.⁴

Essa circunstância viabilizou o nascimento do revisionismo histórico em torno da figura de Solano López, no movimento conhecido como *lopizmo*. Essa tendência, segundo Doratioto, “buscou transformar a figura de Solano López de ditador, responsável pelo desencadear de uma guerra desastrosa para seu país, em herói, vítima da agressão da Tríplice Aliança e sinônimo de coragem e patriotismo”⁵. O revisionismo *lopizta* adquire forças na década de 1930, quando em 1936 o coronel Rafael Franco, que ascendeu ao poder derrubando o presidente eleito Eusebio Ayala, editou o decreto que tornava Solano López herói nacional. Sob as três décadas da ditadura de Alfredo Stroessner (1954-1989), o *lopizmo* tornou-se onipresente, apoiado pelo Estado, e intelectuais que ousaram questionar a glorificação de Solano López foram perseguidos e mesmo exilados.⁶

Nas décadas de 1960 e 1970, o revisionismo em torno da Guerra do Paraguai foi mais longe. De acordo com Doratioto, “explicando-a como o confronto entre duas estratégias de crescimento: a paraguaia, sem dependência dos centros capitalistas, e da Argentina e do Brasil, dependente do ingresso de recursos financeiros e tecnológicos estrangeiros”⁷. Assim, para esse revisionismo, “estes dois países teriam sido manipulados por interesses da Grã-Bretanha, maior potência capitalista à época, para aniquilar o desenvolvimento autônomo paraguaio, abrindo um novo mercado consumidor para os produtos britânicos”⁸.

Esse revisionismo, que coloca o Paraguai como vítima não somente das potências regionais, mas do capitalismo internacional, encontrou ressonância nos meios intelectuais argentino e brasileiro. Nessa época, década de 1970, os dois países passavam por ditaduras militares e, desse modo, uma forma de lutar contra o autoritarismo seria minar suas bases ideológicas.

Esse panorama, centrado nas discursividades em torno da Guerra do Paraguai, consolidou a concepção de isolamento do país e da guerra como agressão desproporcional. Luís María Argaña apresenta, na formulação do *Partido Colorado*, que

en el pasado, se entronca en los héroes de la nacionalidad y defiende nuestra soberanía, lucha con sentido de revisionismo histórico justo para imponer en las almas y en las consciencias de nuestra Patria la verdad sobre los grandes calumniados José Gaspar de Francia y Francisco Solano López, convirtiendo

con esa labor al patriotismo y al lopizmo en el sentido común de las generaciones.⁹

A partir desse panorama, observamos a construção da historiografia paraguaia a partir de dois grandes eixos: o isolamento e a agressão por parte dos países vizinhos. Para a compreensão do passado colonial, o primeiro eixo apresenta-se de forma mais evidente. É através do discurso do isolamento geográfico que se construiu uma narrativa histórica baseada no afastamento econômico, social e linguístico do Paraguai.

Efraím Cardozo, um dos pioneiros nos estudos sobre o Paraguai colonial, contribui com a construção da interpretação de isolamento geográfico. Em *El Paraguay de la conquista*, dedica longas páginas à descrição de fatos, tais como a descrição do território, a narrativa da conquista e as fundações de cidades. Contudo, o que mais destaca na sua obra é a concepção do Guairá, região pertencente à província do Paraguai e que fora, ao longo do século XVII atacada pelos bandeirantes de São Paulo, como representação do “Paraguay enclaustrado”.¹⁰

A metáfora empregada, relacionada à reclusão conventual, reforça a concepção de isolamento da região. Tal visão é reforçada por Cardozo em sua compilação denominada *Breve Historia del Paraguay*. Nessa obra, aponta que o desenvolvimento histórico do Paraguai fora marcado pelo isolamento e que

la historia del Paraguay no se puede comprender sin desentrañar el significado de la carga tremenda que representó para muchas generaciones la coexistencia de esas dos realidades geográficas antagónicas, situadas frente a frente, río de por medio.¹¹

Juan Bautista Rivarola Paoli, em trabalho sobre a Revolução Comunera de 1649, destaca o papel geográfico como determinante na interpretação sobre o conflito. Ele aponta que

la Revolución Comunera de 1649 no fue una revolución antecesora de la independencia o de carácter antimonárquico; sino un movimiento de los vecinos de Asunción y sus dirigentes que integraban el Cabildo con el objetivo de defender sus privilegios en una provincia periférica como el Paraguay era la única manera de mantener un determinado estatus social y económico.¹²

José Luis Mora Mérida, em *Historia Social de Paraguay (1600-1650)*, estrutura sua análise na interpretação de isolamento geográfico. Destaca que a economia foi a instituição mais afetada pela localização da província e que apesar dessa questão,

consiguieron algunas medidas de ayuda, medidas muy temporales e insuficientes, que no llegaron a significar gran cosa para una provincia condenad al aislamiento y a la autosubsistencia desde los primeros años del siglo XVII.¹³

Em obra de 1976, Mérida, ao analisar as relações entre Igreja e sociedade no Paraguai colonial, afirma ser essa província constituída de uma sociedade “nacida casi sin control legal moral y material”¹⁴. E, como consequência de uma sociedade descrita como agrícola e autossubsistente, “el conformismo no tarda en aparecer y cualquier síntoma de superación se va frecuentemente apagado desde los mismos comienzos por la falta de incentivo general que hay en el ambiente”¹⁵.

A interpretação de isolamento do Paraguai é notada inclusive quando observamos os trabalhos que abordam os ataques paulistas às missões paraguaias. Margarita Prieto Yegros, em *Bandeiras paulistas en los territorios coloniales hispanos*, assinala os fatos que marcaram a região, destacando as incursões como invasões de elementos completamente alheios à sociedade paraguaia.¹⁶

Ignora a autora, por exemplo, que famílias paraguaias no Guairá relacionavam-se com os paulistas. Evidencia, pois, a construção de uma narrativa que reforça a especificidade da história nacional e que determina, através do isolamento, justificativas para a legitimação da identidade nacional.

Tal perspectiva é rompida com a obra de Carlos Ernesto Romero Jensen, *El Guairá: caída y éxodo*, no qual apresenta um detalhado panorama do processo de colonização, desenvolvimento e destruição da região paraguaia. Aponta que, com o encerramento do porto de Buenos Aires no início do século XVII (razão destacada por muitos autores como impulsionador do isolacionismo de Assunção), “la única salida que tenían los vecinos del Guairá era abrir el camino hasta San Pablo, porque el puerto de Buenos Aires estaba situado a transmano”¹⁷.

Como solução apresentada, descreve que,

a fin de paliar el problema económico, en el año 1604, el General Don Antonio de Añasco mandaba a cuatro vecinos de Villa Rica a descubrir el camino a

San Pablo, el cual una vez descubierto fue aprovechado por los vecinos para establecer relaciones económicas.¹⁸

E, como evidência explícita da conexão entre Paraguai e São Paulo,

un año después partía Francisco Benítez, con vino, cachaza y otros productos de la tierra para comercializar en San Pablo, aparte iba a contraer matrimonio con una hija del Capitán Joseph Camargo, vecino de San Pablo. Dicho casamiento había sido concertado el año anterior entre el capitán Alonso Benítez, ahora Teniente de Gobernador, y Joseph Camargo.¹⁹

Trecho esse que acaba por questionar as concepções isolacionistas da história colonial do Paraguai. Corrobora, pois, que tal visão tem relação direta com o processo de consolidação da independência e com o revisionismo histórico sobre a participação do país na Guerra do Paraguai, ao longo do século XX.

Circulação: uma discussão teórica

A presente situação, de uma historiografia assentada em termos nacionais e que tem como principal legitimação o isolamento, somente será superada se levarmos em consideração as conexões existentes no Paraguai durante o período colonial. Um dos eixos que propomos, com esse intuito, é o da circulação de conhecimentos, pessoas e produtos.

Claude Markovits, Jacques Pouchepadass e Sanjay Subrahmanyam, na Introdução de *Society and circulation. Mobile people and itinerant cultures in South Asia, 1750-1950*, tecem algumas considerações a respeito da circulação de conhecimentos em contextos coloniais. Afirmam que

circulation is different from simple mobility, inasmuch as it implies a double movement of going forth and coming back which can be repeated indefinitely. In circulation, things, men and notions often transform themselves. Circulation... therefore... implies an incremental aspect and not the simple reproduction across space of already formed structures and notions.²⁰

Essa posição defende que o conhecimento não tem uma transmissão unidirecional e nem corresponde ao fluxo Europa-colônias. Demonstra, ao contrário, que as experiências coloniais são fruto de uma complexa rede de experiências que envolve vários pontos, especialmente conhecimentos locais, denominados subalternos.²¹

A concepção de circulação de experiências, com sua multipolaridade, é exemplificada por Kapil Raj. Para o autor, essa questão pode ser vista

very briefly at an example from modern botany. Making inventories of local flora was crucial to European nations engaged in ever increasing trade networks across the globe during the seventeenth and eighteenth centuries. A knowledge of plants and their uses was important not only for introducing new commodities of the European markets but also for maintain the health of the thousands of sailors and traders who found themselves in the hostile climates of the tropics. The Portuguese, the Dutch, the English, and the French prepared voluminous herbals of Asian plants. Of course, the stories told so far about the making of this knowledge invariably involve indigenous people who are described as 'informants', responding to questions determined by European investigators designated as 'collectors' or 'travelers'. This information is transformed into certified knowledge in the metropolis and can then be disseminated *urbe et orbe*.²²

Seguindo a concepção de circulação e construção de conhecimento como mais efetiva que a ideia de “difusão” a partir de um centro europeu, Kapil Raj destaca que

more important, however, the term 'circulation' serves as a strong counterpoint to the unidirectionality of 'diffusion' or even of 'dissemination' or 'transmission' of binaries such as metropolitan science / colonial science or center / periphery, which all imply a producer and as end user. 'Circulation' suggests a more open flow – and specially the possibility of the mutations and reconfiguration coming back to the point of origin. Moreover, the *circulatory perspective* confers agency on all involved in the interactive process of knowledge construction.²³

Dessa forma, pontua que “circulation occurs within bounded spaces. The geography of these spaces of circulation changes historically, depending on the nature, morphology, geography, and relative power of the networks that interact in any given situation”²⁴.

Mark Gamsa, em *Cultural translations and the transnational circulation of books* afirma que “drawing on new insights from transnational and world history studies of material culture and intellectual geography, this article seeks to reclaim literary translations for history”²⁵.

Essa interpretação da circulação de conhecimentos proposta por Gamsa foca, principalmente, em redes de difusão de livros e destaca essa espacialidade através do mapeamento de *geografias intelectuais*.

A respeito da ideia de espaços de circulação, Fa-ti Fan apresenta uma postura mais crítica em relação à história global. Aponta que os historiadores “have lately

discovered the global. In recent years, books, articles, and conferences devoted to global history of science and technology are appearing at a rapid rate”²⁶.

Contudo, para Fan, essa tendência atual para as perspectivas globais apresenta algumas fragilidades. Ele afirma que

the concept of circulation has become a buzzword in the history of science. It reinforces the now accepted view that knowledge production and scientific practice were not confined to the familiar sites of societies, museums, and laboratories. Ideas and information transmitted by networks and often across cultures played a major role in making of modern sciences.²⁷

A ideia de um mundo interconectado e com relações entre todas as partes é desconstruída por Fan. Para ele

the image of circulation, however, can be misleading. It tends to suggest that people information, and material objects flowed smoothly along networks and channels. Circulation appears to be a ‘natural’ of default condition. Yet, not only did the movement of knowledge and material objects require work – consider the efforts put into transport plants and animals, live or dead, across oceans – but its trajectory may not have been as teleological as circulation would imply.²⁸

A partir dessa crítica, apresenta que

what is called ‘circulation’ may have been really a series of negotiations, pushes and pulls, struggles, and stops and starts. The image of circulation tends to impose too much unity, uniformity, and directionality on what was complex multidirectional and messy.²⁹

A ideia apresentada por Raj, Gamsa e problematizada por Fan nos permite pensarmos melhor como se deu a circulação de conhecimentos no contexto americano. Essa experiência, construída ao longo do processo de descoberta e colonização, foi operada por diversos agentes.

Para o contexto americano, destacamos as reflexões tecidas por Serge Gruzinski. Em artigo de 2001, apresenta a necessidade de problematizar o Novo Mundo a partir da chave de integração, em um esforço de superação das divisões das narrativas nacionais.

Apona que o principal caminho para essa abordagem seja partir da crítica ao eurocentrismo e problematizar, a partir da historiografia indiana sobre circulação nos *subaltern studies*. Ele afirma que

a tarefa do historiador pode ser a de exumar as ligações históricas ou, antes, para ser mais exato, de explorar as *connected histories*, se adotarmos a expressão proposta pelo historiador do império português, Sanjay Subrahmanyam, o que implica que as histórias só podem ser múltiplas – ao invés de falar de uma história única e unificada com ‘h’ maiúsculo.³⁰

A partir dessa formulação, aponta que essa perspectiva significa que as histórias estão ligadas, conectadas, e que se comunicam entre si. Assim, define Gruzinski que, diante dessas várias narrativas,

o historiador tem de converter-se em uma espécie de electricista encarregado de reestabelecer as conexões internacionais e intercontinentais que as historiografias nacionais desligaram ou esconderam, bloqueando as suas respectivas fronteiras.³¹

No esforço de pensar as conexões na Época Moderna, o autor elege como momento privilegiado a união das Coroas ibéricas. Esse momento caracterizado pela união das duas coroas, Portugal e Espanha, a partir de 1580, correspondeu à consolidação de um império mundial.³² Nesse contexto,

este aglomerado planetário pode ser estudado de diversas maneiras. De maneira política, já que se trata de uma construção dinástica. A Monarquia católica foi também o berço de uma primeira ‘economia-mundo’ que suscitou estudos bem conhecidos e de grande relevo nos anos 1970. Porém, estes trabalhos deixaram na sombra outros aspectos igualmente importantes, como por exemplo, a constituição das primeiras burocracias operando numa escala planetária. Estas burocracias tinham estreitas ligações com a Igreja, devido ao padroado português e ao patronato espanhol.³³

Apesar da formulação privilegiar as conexões e os amplos espaços do Império espanhol, Gruzinski adverte que tal abordagem, longe de fornecer um modelo de aplicação às problemáticas coloniais, oferece na verdade uma série de questionamentos. Aponta que

os vastos espaços que cobrem a Monarquia católica convidam a multiplicar as perguntas. Como o local integra-se ao global e como podemos definir estes termos na segunda metade do século XVI?³⁴

Uma das respostas a esse questionamento consiste em problematizar a relação entre indivíduos, relacionando-os às múltiplas geografias do Império. Dessa forma, defende que

é necessário multiplicar os estudos de casos e as pesquisas de micro-história para analisar estes mecanismos de adaptação, de transformação e de invenção que se produzem em todos os âmbitos da Monarquia.³⁵

Define Gruzinski que a história conectada não pode ser simples ampliação espacial do objeto de análise. Deve, portanto, levar em consideração toda uma trama em sua complexidade e a partir da perspectiva de tratar as várias partes do mundo como zonas interconectadas e interativas. Aponta, pois, que a “Monarquia católica oferece um exemplo perfeito de *interactive zone* onde proliferam as relações entre os poderes, os grupos e as culturas”³⁶.

Paraguai: uma província integrada

Conforme discutimos anteriormente, não podemos conceber a província do Paraguai de forma isolada. Sendo essa região parte da bacia do Rio da Prata, as relações estabelecidas nesta bacia são fundamentais para a compreensão das dinâmicas regionais.

Alice Canabrava, em *O comércio português no Rio da Prata*, tese defendida em 1942, apresenta o contrabando lusitano como estruturante para a economia do porto de Buenos Aires entre 1580 e 1640.³⁷

Raul Fradklyn e Juan Carlos Garavaglia, por sua vez, apontam que a região do Prata assumiu, desde o início de sua colonização, elementos de unidade espacial. Assim, para Buenos Aires, “la actividad más destacada de la ciudad fue el contrabando y el tráfico directo, que funcionaron como nexo entre el Alto Perú y la economía atlántica”³⁸.

Especificamente na região do Paraguai, o destaque seria dado ao cultivo e processamento da erva-mate. Consumida originalmente pelas populações indígenas, logo seria incorporada ao cotidiano dos colonizadores ibéricos, muitas vezes mestiço, abarcando regiões como Buenos Aires, vice-reinado do Peru, capitania geral do Chile e a presidência de Quito.³⁹

A partir do desenvolvimento da economia ervateira, obteve destaque como produtora a região do Guairá. A fim de executar a colheita e o processamento do produto, essa região congregou grande contingente de mão de obra indígena, tanto pela população *criolla* como pelas reduções jesuíticas e franciscanas.

Essa região seria mencionada em cédula real de 19 de fevereiro de 1629, na qual o rei de Espanha proibia o trânsito de pessoas no Guairá, com o intuito de impedir o acesso de estrangeiros às minas de Potosi. Com isso, mandou que não se consentisse

ni deis lugar a q por essa prova. entre ninguna persona estrangera, portuguesa, ni castellana, por ninguna raçon ni causa de q se pretenda valer si no lleva licencia mia pa. alla despachada, por mi Real consejo de las yndias, etc.⁴⁰

A mencionada cédula não seria cumprida, visto que a economia do Guairá, e sua consequente sobrevivência, dependia justamente da exportação da erva-mate para o circuito plantino e andino.

Contudo, visando um maior controle da economia regional, estabelecer-se-ia em 1622 na cidade de Córdoba, uma alfândega e um porto seco⁴¹. Posteriormente, em 1680, Santa Fé assumiria o controle da exportação da erva-mate paraguaia, processo esse que denota a orientação atlântica da economia platina. Assim, a cédula real de 1680 não só estabelece o escoamento dos produtos paraguaios para o porto santafesino, como institui um imposto sobre a erva que ingressasse por ali de ½ peso por arroba.⁴²

Santa Fé manteria-se como importante centro de redistribuição dos produtos paraguaios até 1720, ano no qual passaria a sofrer sérias concorrências do porto de Buenos Aires. Em 1780, o processo encerra-se com a exclusividade do porto bonarense como ponto tributário do comércio platino.⁴³

Com isso, segundo Garavaglia, estaria completo o processo de atlantização do circuito econômico plantino.⁴⁴

A partir desse panorama que esboça o cenário econômico da província do Paraguai, observamos a integração como elemento estruturador da região.

Dessa forma, a fim de compreendermos as dinâmicas políticas e sociais da região, torna-se fundamental discutirmos alguns pontos. O primeiro é como as elites políticas, tanto paraguaias como de outras regiões (bonarense, tucumanas, santafesinas e vicentinas) se articulavam. O segundo elemento seria estabelecer as redes de comércio, sociabilidade e que determinavam, em última instância, a circulação de conhecimentos e informações.

Tarefas essas fundamentais para construirmos uma história do Paraguai na qual essa região figure não como elemento de isolamento, mas como vetor de integração no circuito da América meridional.

¹ BASTOS, Augusto Roa. Paraguay isla rodeada de tierra. *Oralidad. Rescate de la tradición oral y la memoria de América Latina y Caribe*. Habana: UNESCO, 1994-1995, n. 6-7, p. 56.

² DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra*. Nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 23.

³ ARGAÑA, Luís María. *Historia de las ideas políticas en el Paraguay*. Assunção: El Foro, 1983, p. 98.

⁴ DORATIOTO, Francisco. *op. cit.*, p. 80.

⁵ *Ibidem*, p. 80.

⁶ *Ibidem*, p. 86.

⁷ *Ibidem*, p. 87.

⁸ *Ibidem*, p. 87.

⁹ ARGAÑA, Luís María. *op. cit.*, p. 146.

¹⁰ CARDOZO, Efraím. *El Paraguay de la conquista*. Assunção: El Lector, 1996, [1ª edição 1930-1934], p. 195.

¹¹ CARDOZO, Efraím. *Breve Historia del Paraguay*. Assunção: Servilibro, 2011, [1ª edição, 1956], p. 7.

¹² PAOLI, Juan Bautista Rivarola. *La Primera Revolución Comunera 1649*. Assunção: El Lector, 2012, p. 9.

¹³ MÉRIDA, José Luis Mora. *Historia social de Paraguay (1600-1650)*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos de Sevilla, 1973, p. 108.

¹⁴ MÉRIDA, José Luis Mora. *Iglesia y sociedad en Paraguay en el siglo XVIII*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos de Sevilla, 1973, p. 8.

¹⁵ *Ibidem*, p. 12.

¹⁶ YEGROS, Margarita Prieto. *Bandeiras paulistas en territorios coloniales hispanos*. Assunção: Cuadernos Republicanos, [s.d], p. 65.

¹⁷ JENSEN, Carlos Ernesto Romero. *El Guairá: caída y éxodo*. Asunción: Academia Paraguaya de la Historia; FONDEC, 2009, p. 53.

¹⁸ *Ibidem*, p. 53.

¹⁹ *Ibidem*, p. 53.

²⁰ MARKOVITS, Claude; POUCHEPADASS, Jacques; SUBRAHMANYAM, Sanjay. Introduction: Circulation and society under colonial rule. In: *Society and Circulation. Mobile people and itinerant cultures in South Asia, 1750-1950*. Delhi: Permanent Black, 2003, p. 2-3.

²¹ Subaltern studies correspondem à crítica de historiadores da Ásia Meridional à produção colonialista da história dos Impérios. Para uma discussão sobre a temática, ver CHATURVEDI, Vinayak. *Mapping Subaltern Studies and the Postcolonial*. London and New York: Verso, 2000 e LUDDEN, David. *Reading Subaltern Studies. Critical History, Contested Meaning and Globalization of South Asia*. London: Anthem Press, 2000.

²² RAJ, Kapil. Beyond postcolonialism... and postpositivism. Circulation and the Global History of Science. *Isis*, n. 104, 2013, p. 343.

²³ *Ibidem*, p. 344.

²⁴ *Ibidem*, p. 345.

²⁵ GAMSÁ, Mark. Cultural translation and the transnational circulation of books. *Journal of World History*, vol. 22, n. 3, 2011, p. 575.

²⁶ FAN, Fa-ti. The global turn in the History of science. *East Asian Science, Technology and Society*, vol. 6, n. 2, 2012, p. 249.

²⁷ *Ibidem*, p. 251.

²⁸ *Ibidem*, p. 252.

²⁹ *Ibidem*, p. 252.

³⁰ GRUZINSKI, Serge. Os mundos misturados da monarquia católica e outras *connected histories*. *Topoi*, Rio de Janeiro, março 2001, p. 176.

³¹ Ibidem, p. 176.

³² Ibidem, p. 178.

³³ Ibidem, p. 178-179.

³⁴ Ibidem, p. 188.

³⁵ Ibidem, p. 192.

³⁶ Ibidem, p. 195.

³⁷ CANABRAVA, Alice P. *O comércio português no Rio da Prata (1580-1640)*. São Paulo: Boletim da FFLC, n. 35, 1944.

³⁸ FRADKLIN, Raul; GARAVAGLIA, Juan Carlos. *La Argentina colonial. El Río de la Plata entre los siglos XVI y XIX*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009, p. 38.

³⁹ FREIRE, Paulo Cezar Vargas. *História dos antigos domínios nos ervais do Paraguai*. Campo Grande: IHGMS, 2014, p. 197.

⁴⁰ CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e bandeirantes no Guairá: 1549-1640*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951, p. 393-394.

⁴¹ "Provisão real de 7 de fevereiro de 1622". Pablo Pastells. *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Peru, Bolivia y Brasil) según los documentos originales del Archivo General de Indias*. Madrid: Victoriano Suárez, 1946, vol. I, p. 431.

⁴² "Cédula real". Archivo Nacional de Asunción. Série Historica, vol. 8, n. 2, 1680.

⁴³ GARAVAGLIA, Juan Carlos. *Mercado interno y economía colonial: tres siglos de historia de la yerba mate*. México: Girijalbo, 1983, p. 408.

⁴⁴ Ibidem, p. 61.